

Ricardo Cravo Albin

Obrigado

O título deste primeiro tema da semana é de fato muito inspirador – “O que vem do céu”.

O editor e dirigente supremo da Carióquice, Luiz Cesar Faro, dono da Insight, é dotado de proverbial fidalguia de trato. O que dou prova por jamais ter dele recebido, sequer, um pedido para privilegiar qualquer assunto ou pessoa em meus muitos textos. Alguém até de pura opinião.

Há dias um telefonema do Faro me declarava: - “Nosso Almanaque 2025 será de tirar o fôlego. Sabe por quê? As delícias cariocas que caem diretamente do céu e se plasman de imediato dentro dos espíritos dos que amam o Rio”.

Feliz, pude segredar com meus botões: “Falar em céu é comigo mesmo, filho de mãe católica e que rezava por toda a família o tempo inteiro”.

Minha inesquecível Zuleica Cravo Albin não fazia de suas orações o que é habitual no mais das vezes: pedidos a

não ter fim. Minha mãe era grandiosa até nisso: rezava para agradecer ao Divino, aos céus, à bem-aventurança, pelo que já recebia no dia a dia, pela felicidade de existirmos e estarmos bem e sadios, um dia depois do outro, em um mundo enfermo e cheio de vicissitudes.

Por isso, intitulei esta crônica de Obrigado. Ao Senhor? Também, por certo. Mas especialmente à toda a equipe que inaugurou e fez permanecer por anos a fio a saudadíssima publicação “Carióquice”. Equipe liderada com garra e muita tolerância democrática por Luiz Cesar Faro, agora acrescida do sangue novo de João Pedro Faro, seu filho.

Portanto, e já que me referi aí acima à persistência e à fé – a palavra certa é essa: FÉ – devo declarar caloroso obrigado aos Faro pela edição deste mais um (oitavo!) Almanaque temático no começo de 2025.

Obrigado a toda a equipe dedicadíssima, liderada pela

firmeza e bom texto de Mônica Sinelli.

Obrigado pela escolha certa das lembranças que caem do céu para aclarar e iluminar esses tempos por vezes nebulosos e temerários.

Obrigado à Carióquice por reiterar e abrigar temas tão incrustados nos corações dos cariocas. Ou seja, a Cidade Maravilhosa vista de cima, do alto, do superior. Ou um Rio que corre pelo céu. Esta oitava edição do Almanaque foi imaginada pelo Faro, ao que deduzo, para criar uma certa magia, a superior, a que vem dos céus, das alturas cariocas, dos patamares quase infinitos.

Obrigado à toda equipe por referências até pouco usuais, mas fascinantes tais como voos de asa delta, parapente e helicóptero, saltar de paraquedas, pedaladas, trilhas e cachoeiras.

Obrigado também pela lembrança de rooftops e lounges, bares e restaurantes, às

vezes considerados objetos e seduções do segundo time cultural.

Obrigado por nos acordar para os projetos sociais em comunidades, eventos por vezes modestos, mas onde gente mais humilde pode ser mais, ao menos um pouquinho mais feliz.

Obrigado pela coragem de insistir nessas notícias rejuvenescedoras do espírito carioca que “invadem a alma e nos permitem alguma plenitude”. Inclusive a do pertencimento.

Obrigado pela insistência de lutar contra os recalibrantes de narizes empinados à alegria possível de pessoas mais modestas, mais simples. Embora majoritárias, como sabemos.

Obrigado gente querida como os Faro, Sinelli e tantos mais, sempre de corações alargados, abertos e sensíveis. Cujos nervos expostos jamais se encolhem. Antes, expandem-se e se ampliam. E podem dar choques, tão vivos e pulsantes estão.

Stefan Zweig no Rio

Uma raríssima exposição acaba de ser inaugurada no saguão nobre da Biblioteca Nacional, no Rio. Trazida da Áustria pelo representante em Brasília do país natal de Stefan Zweig, o embaixador Stefan Scholz, a mostra recebeu calorosa recepção do Presidente da FBN, o escritor Marco Lucchesi.

Ao lado dele esteve sempre presente Israel Beloch, Presidente da Casa Stefan Zweig no Brasil.

O nome de Zweig sempre foi falado em minha casa por conta de meu pai, Max Albin, emigrante austríaco cuja família vienense teve alguma proximidade com os Zweig, por que nem tenho certeza, quase certamente algum laço familiar em uma ou duas gerações anteriores

de ambas as famílias Max Albin e Stefan Zweig.

Tenho vagas lembranças de minha mãe ter comentado certa vez sobre o famoso escritor austríaco do afeto do meu pai, cujo suicídio em Petrópolis causou grande consternação à nossa família em 1942, quando morávamos na longínqua cidade de Penedo, nas Alagoas.

Esta exposição, a cuja inauguração compareci, é enriquecida com reproduções de peças originais guardadas pela FBN, acrescidas de 24 painéis e das vitrines com documentos e vídeos sobre a obra e a vida do escritor perseguido pelo nazismo e acolhido no Brasil.

Quando veio morar no Rio (em Petrópolis), Zweig já era o autor literário mais publicado no mundo. A exposição exhibe luxuosamente

Zweig como articulado construtor de redes de editores, tradutores e intelectuais; além de comprovar significativo e vário número de traduções e adaptações de suas obras em palcos e telas mundiais. O autor austríaco de fato foi um cidadão do mundo, dedicando-se a conhecer dezenas de países e povos, cujos personagens foram, por tantas vezes, inspirações de sua obra.

A bela exposição aborda três configurações. A primeira, “Horas estelares da humanidade”, que se passaram em épocas diferentes”. A segunda aborda “A biografia de Fernão de Magalhães”, em que o autor dá luz à aventura do navegador português. E a terceira “A novela de Amok”, que se passa nas Índias Orientais.

Essa raríssima homenagem

ao grande escritor foi inaugurada em Viena pela Biblioteca Nacional da Áustria e aqui no Rio é enriquecida pelos envios do acervo da FBN, diligentemente selecionados por Marco Lucchesi. É o próprio diretor Lucchesi quem informa que seu órgão possui mais de 500 documentos sobre Zweig, com cartas, fotos, poemas, textos originais. Esta preciosa coleção leva os nomes dos respectivos doadores, o editor Abraão Koogan e o biógrafo brasileiro Alberto Dines.

A exposição “Stefan Zweig, autor universal” está aberta para o público das 10 às 17 horas, de segunda a sexta. Valerá a pena conhecer um pouco mais a grande figura de Zweig, hoje autor permanente em minha cabeceira de livros a ler quase sempre.

Aristóteles Drummond

O abandono da agricultura fluminense

No início do século passado, o Estado do Rio de Janeiro apresentava uma agricultura com certa relevância. Ainda havia o café no Vale do Paraíba, a produção do açúcar e do álcool estava presente no norte do Estado e, mais adiante, surgiu o embrião de um fruticultura significativa.

O café volta timidamente, mas sem nenhum estímulo oficial. A cana de açúcar tem produção inferior a 10% do que era há meio século, a produção leiteira diminuiu e a laranja quase sumiu das regiões produtoras, como Baixada, Itaboraí e Rio Bonito.

A pesca é outra órfã do poder público.

O governo federal poderia criar uma linha de financiamento e isenções fiscais para dotar o norte e o noroeste do Estado de um sistema de irrigação e projetos de recuperação do solo. Afinal, o norte ganhou importância agrícola quando o governador Amaral Peixoto levou recursos para o saneamento de larga faixa de terras próxima a Campos dos Goitacazes. Ali mesmo, a produção do abacaxi já foi mais do dobro da atual. E a avicultura na região serrana sobrevive com dificuldade.

Ali, a chamada agricultura familiar garante boa produção de frutas legumes e verduras com boa rentabilidade, mas também sem um programa que ajude a desenvolver a vocação e a boa mão de obra.

Nas administrações de Pezão e Dornelles, com boa gestão, percebeu-se alguma recuperação. O setor foi entregue a gente competente como Christino Áureo e Marcelo Queiroz. A Emater-RJ atua pelo idealismo de seu corpo técnico, pois também carece de recursos.

O setor não chega a 10% do PIB local. Poderia ser o

dobro e com o dobro da produtividade. A começar pela cana e a revitalização das usinas paradas para atender ao mercado fluminense do álcool combustível e exportar pelo Porto Açu. O Vale do Paraíba tem mão de obra e terras que podem produzir, inclusive leite, e uma elite de tradição agrícola. Inacreditável a insensibilidade diante de assunto que tem reflexos sociais significativos.

O governo federal e o estadual poderiam se dar as mãos para resolver essa questão que pede mais vontade política do que recursos, que andam escassos.

EDITORIAL

Pelo exercício diário da solidariedade

É tradicional em todo final de ano que a essência da fraternidade e solidariedade seja exaltada, muito especialmente através de palavras e gestos.

É certo que todos nós tivemos uma noite de Natal repleta de fartura. Família e amigos reunidos em um sentimento uníssono de harmonia e confraternização; um momento sublime para demonstrações de amor, afeto e humanidade, enaltecendo especialmente tudo o que nos une. Mas, por que somente no fim do ano esses valores universais são lembrados? Será que o amor, afeto, fraternidade e solidariedade são válidos apenas nas celebrações de Natal e Ano Novo? Por qual razão permanecemos separados e focados naquilo que nos divide, ao invés de baixarmos a guarda e prezarmos pela nobreza dos gestos de civilidade e por uma cultura de paz? É algo para analisarmos minuciosamente.

O mundo vivencia cenários de guerras absolutamente devastadores. Vidas ceifadas pela ganância desenfreada do homem pelo poder. Sem falar nas profundas desigualdades que assolam a humanidade. O abismo das diferenças sociais aparenta ser motivo de preocu-

pação somente no Natal e no Ano Novo, mas, e ao longo do ano? O que autoridades públicas, empresários bem-sucedidos e outras personalidades da sociedade civil organizada estão promovendo efetivamente para a redução dos problemas sociais?

É bonito vermos iniciativas de denominações religiosas, que prestam relevantes serviços à sociedade, e que distribuem com frequência alimentos e roupas para pessoas em situação de rua, por exemplo. Mas, não para por aí. É necessário uma conjugação de forças para se vencer a fome, a desigualdade e outros tantos males sociais. Afinal, não é razoável acharmos que somente a entrega de uma quentinha de alimento resolva a situação dessas pessoas. Ela resolve um problema momentâneo, que é a fome, que em poucas horas volta a bater no estômago, sem qualquer garantia de que se alimentará novamente. É apenas um exemplo, uma demonstração de que o afeto e a solidariedade não podem ser limitados por datas comemorativas.

É mais do que um chamado... Se trata de uma urgência social!

Lenda viva celebra seus 90 anos com o povo

Para os fãs da música no Brasil, o nome Isaac Karabtschevsky dispensa apresentações. O maestro e diretor artístico da Orquestra Petrobras Sinfônica chega aos 90 anos de idade e decidiu comemorar suas nove décadas de vida com um concerto gratuito aberto ao público.

Nesta sexta-feira (27), o maestro comandará um concerto na Praça da Cinelândia, em frente ao Theatro Municipal, a partir das 19h. Em caso de chuva, o concerto será transferido para o dia 28 de dezembro (sábado), no mesmo horário.

A celebração será realizada em parceria com a Petrobras Sinfônica, o Sesc RJ e o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O mais legal disso tudo é que o evento sintetiza com perfeição a principal característica da brilhante carreira do maestro, que é a popularização da música clássica.

O repertório da noite inclui grandes clássicos da música de concerto, como o movimento final de “O Pássaro de Fogo”, de Igor Stravinsky, “Marcha Radetzky”, de Johann Strauss, “Bolero”, uma das mais conhecidas composições de Maurice Ravel, “Dança Húngara nº 5”, de Johannes Brahms, e “Valsa do Imperador”, de um dos mais influentes compositores de valsa do mundo, Johann Strauss Jr.

Do maior compositor brasileiro, Heitor Villa-Lobos, será interpretada a “Tocatta - Trenzinho do Caipira” da obra “Bachianas Brasileiras nº 2”. Para encerrar, as danças “Trepak” e “Valsa das Flores” de “O Quebra-Nozes” e a “Abertura 1812”, ambas de Tchaikovsky, completarão a experiência.

É uma oportunidade de ouro de apreciar boa música e conferir de pertinho uma verdadeira lenda viva da cultura brasileira.

Opinião do leitor

FELIZ 2025

Que 2025 traga boas notícias e que sonhos e projetos se tornem realidade. É apenas uma mudança no calendário, mas é também oportunidade para um momento de pausa na caminhada, de olhar para traz, para retornar o caminho com mais alegria e esperança.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: JAPÃO DISPOSTO A NEGOCIAR ARMAMENTOS NAVAIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 27 de dezembro de 1929 foram: Onda de frio no meio-oeste dos Estados Unidos já

matou 40 pessoas e espessura de neve está em 45 polegadas. Japão pretende manter uma proporção de 70% da tonelagem dos EUA ou

da Inglaterra sobre os armamentos navais. Delegação latino-americana divulga uma carta de protesto pela ocupação dos EUA no Haiti.

HÁ 75 ANOS: EUA PODE REVER POLÍTICA PARA A AMÉRICA LATINA

As principais notícias do Correio da Manhã em 27 de dezembro de 1949 foram: Crise política na Síria provoca o terceiro golpe de es-

tado no país. Estados Unidos pode rever política externa para a América latina. Congresso francês e governo em debate pelo orçamento militar.

Comitês estudantis promovem campanha em Botafogo em prol do brigadeiro Eduardo Gomes para a presidência do Brasil.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.